



CIÊNCIAS HUMANAS

Acolhimento de vivências universitárias de estudantes de Psicologia: relato de uma experiência com grupos operativos**Welcoming university experiences of Psychology students: report of an experience with operative groups**Lucas Rossato¹, Patrícia Paiva Carvalho², Deise Coelho de Souza³, Tales Vilela Santeiro⁴, Fabio Scorsolini-Comin⁵

RESUMO

Este estudo apresenta o relato de uma experiência de acolhimento universitário a partir da realização de grupos operativos com estudantes de Psicologia de uma universidade pública do interior de Minas Gerais, Brasil. Participaram seis universitárias, com idades entre 18 e 27 anos, matriculadas entre o terceiro e o quarto semestres. Foram realizados cinco encontros em grupos operativos, coordenados por três psicoterapeutas utilizando recursos audiovisuais e literários para disparar as interações. A tarefa explícita dos grupos foi: pensar e dialogar sobre ser universitária e estudante de Psicologia. A interpretação e análise dos dados foi realizada por meio do levantamento dos principais emergentes grupais ligados à tarefa explícita. Por meio do conteúdo manifesto foram construídas três categorias: 1) Entrada na universidade e distanciamento de casa e da família; 2) Família e escolha profissional, e 3) Ser mulher na universidade. Diferentes marcadores emergiram na experiência universitária, sobretudo os relacionados à adaptação, às relações familiares, às questões de gênero e a construção da identidade profissional. Os grupos operativos possibilitaram a criação de espaços de escuta, diálogo e reflexão de temas caros à formação pessoal e profissional, demonstrando ser um recurso metodológico relevante para a atenção e promoção de cuidados em saúde mental no ensino superior.

Palavras-chave: Educação superior; estudantes; processos grupais; saúde mental; saúde do estudante.

ABSTRACT

This paper reports a university welcoming experience based on operative groups with Psychology students from a public university in Minas Gerais, Brazil. Six university students aged between 18 and 27 years old, enrolled between the third and fourth semesters, participated in this experience. Five operative group meetings were conducted and coordinated by three psychotherapists using audiovisual and literary resources for elicit interactions. The

¹ Universidade de São Paulo – USP, São Paulo/SP – Brasil. E-mail: rossatousp@usp.br

² E-mail: ppcpsico@gmail.com

³ E-mail: deisecsouza@usp.br

⁴ E-mail: tales.santeiro@uftm.edu.br

⁵ E-mail: fabio.scorsolini@usp.br



explicit task demanded was: to think and talk about being a university student and studying Psychology. The data interpretation and analysis was carried out according to the survey of the main group demands related to the explicit task. Based on the emergent content, three categories were constructed: 1) University entrance and distance from home and family; 2) Family and career choice, and 3) Being a woman at the university. Different markers emerged from the university experience, especially those related to adaptation, family relationships, gender issues, and the construction of professional identity. The operative groups enabled the creation of an environment for listening, dialogue, and reflection on significant topics concerning personal and professional training, proving to be a relevant methodological resource for the attention and promotion of mental health care in higher education.

Keywords: Higher education; students; group processes; mental health; student health.

1. INTRODUÇÃO

A entrada do jovem na universidade é considerada um evento importante no curso de vida, o que pode envolver mudanças psicossociais e educacionais significativas. (AUERBACH *et al.*, 2018; ROSSATO; MOROTTI; SCORSOLINI-COMIN, 2022; SOARES *et al.*, 2021). Nesse período, esse jovem pode apresentar características tanto da adolescência como da adultez, havendo necessidade de ajustamento a um contexto em que se intensificam as responsabilidades, as pressões socioeconômicas, as preocupações com o mercado de trabalho, as questões existenciais, relacionais, amorosas e sexuais, entre outras. (ALMEIDA, 2020; BAPTISTA; FERRAZ; INÁCIO, 2020).

Para a maioria dos jovens a entrada no ensino superior provoca uma série de mudanças significativas nas vivências cotidianas que podem repercutir na saúde física e mental. Entre essas mudanças a saída de casa, a necessidade de residir em outra cidade, o distanciamento dos pais, familiares e amigos, a construção de novos vínculos afetivos, a necessidade de gestão financeira, as exigências e pressões do ambiente acadêmico, maior independência nos estudos e de maior autonomia, a aquisição de novas responsabilidades, entre outras alterações, ganham destaque. (LANTYER *et al.*, 2016; KLAIBER; WHILLANS; CHEN, 2018; SILVA *et al.*, 2019; HUANG *et al.*, 2018).

Assim, para o jovem ingressante, a experiência universitária poderá envolver a necessidade de se adaptar a um novo contexto em meio a diversas mudanças desenvolvimentais, como a transição para a vida adulta. (BOLSONI-SILVA; LOUREIRO, 2014; FERNÁNDEZ *et al.*, 2017). Essas novas vivências cotidianas, em função das dimensões que assumem na vida dos estudantes, podem repercutir na saúde física e mental desse público. Em termos de saúde mental, estima-se que 12 a 46% de todos os estudantes universitários sejam afetados por distúrbios de saúde mental, principalmente distúrbios do humor, de ansiedade e do uso de álcool e outras substâncias. Esta alta prevalência merece atenção, haja vista que revela um grande sofrimento experienciado nesse momento de transição da vida, que pode acarretar prejuízos na vida acadêmica, abandono dos estudos, inclusive risco de suicídio. (AUERBACH *et al.*, 2018; HARRER *et al.*, 2019; SHELDON *et al.*, 2021). Apesar desse contexto de vulnerabilidade, observa-se que a Universidade também pode ser um importante cenário de acolhimento e cuidado em saúde mental para os estudantes.



(HARRER *et al.*, 2019; SILVA *et al.*, 2022; SOUZA *et al.*, 2020; SOUZA; FAVARIN; SCORSOLINI-COMIN, 2021).

A democratização do acesso ao ensino superior observada nas últimas décadas no Brasil levou a um crescimento considerável do público universitário, de modo que se têm requerido a criação e o fortalecimento de políticas públicas voltadas para a permanência no sistema educacional. (GAIA; VITÓRIA; PEREIRA; SCORSOLINI-COMIN, 2021). Nesse contexto emerge a necessidade de cuidado e acompanhamento psicossocial, sendo importante que as instituições de ensino planejem e executem ações que avaliem as condições emocionais dos acadêmicos e auxiliem na adaptação, evitando o adoecimento, possível evasão e abandono do curso. (PADOVANI *et al.*, 2014; SOUZA *et al.*, 2020; SHELDON *et al.*, 2021).

O perfil sociocultural e econômico dos estudantes do ensino superior tem se diversificado ao longo dos anos em função das políticas públicas e ações afirmativas implementadas pelas instituições de ensino. Assim, torna-se mister a implementações de programas institucionais que ultrapassem a esfera acadêmica, propiciando o desenvolvimento global do universitário de modo que atinja ao máximo seu potencial e esteja preparado para ser um cidadão e atuar na sociedade. (OLIVEIRA; SANTOS; INÁCIO, 2018).

Considerando as transformações que a entrada no ensino superior pode causar no contexto de vida, ações de promoção de acolhimento a questões de ordem educacional, emocional, social, de saúde ou amparo financeiro podem ser relevantes e determinar a permanência dos estudantes nesse ambiente. Desse modo, justifica-se a necessidade de políticas de saúde mental nesse contexto. A universidade deve proporcionar e ser um contexto facilitador para o desenvolvimento pessoal dos estudantes, promovendo integração e ajustamento acadêmico, pessoal, social e afetivo do aluno. (HARRER *et al.*, 2019; SOUZA *et al.*, 2020; SHELDON *et al.*, 2021).

Em cursos como o de Psicologia, ações de autocuidado são necessárias e desejáveis, haja vista que os conteúdos desenvolvidos ao longo da formação podem mobilizar diferentes emoções que precisarão ser manejadas. Nesse processo, é fundamental que o universitário entre em contato com os próprios sentimentos, que possa reconhecer as experiências e esteja aberto à possibilidade de receber cuidados, por exemplo, ao engajar-se em psicoterapia pessoal. Assim, observa-se que a entrada e a adaptação desses estudantes irão requerer atenção quanto à saúde mental e a necessidade de autocuidado diante de diferentes demandas. (SANTEIRO *et al.*, 2014; ROSSATO; PANOBIANCO; SCORSOLINI-COMIN, 2020).

Nesse contexto, as intervenções grupais têm se apresentado como um dispositivo importante para promover aprendizagens e compartilhamento de experiências entre estudantes, favorecendo a melhoria das condições de saúde mental, como amplamente referido na literatura científica. (HUR; COUTO; NASCIMENTO, 2018; ROSSATO; SCORSOLINI-COMIN, 2019; ROSSATO; PANOBIANCO; SCORSOLINI-COMIN, 2020; SILVA *et al.*, 2022; SOUZA; FAVARIN; SCORSOLINI-COMIN, 2021). A partir desse panorama, este estudo teve por objetivo relatar a experiência de realização de grupos de promoção à saúde com estudantes de um curso de Psicologia de uma universidade pública do interior de Minas Gerais, levando em conta marcadores de gênero relacionados à vivência universitária e familiar.



2. MÉTODO

2.1. TIPO DE ESTUDO

Trata-se de relato de experiência de um grupo de acolhimento realizado no formato de Grupo Operativo de ensino e aprendizagem. (BLEGER, 1980/2007).

2.2. PARTICIPANTES

As participantes foram seis estudantes mulheres, com idade entre 18 e 27 anos, matriculadas em um curso de Psicologia de uma instituição pública de ensino superior, situada no interior de Minas Gerais, cinco delas cursando o terceiro período letivo e uma cursando o quarto período letivo.

2.3. EQUIPE EXECUTORA

Os encontros do grupo foram coordenados por duas psicólogas e um psicólogo, sob supervisão semanal de outro psicólogo, todos com ampla experiência no desenvolvimento de intervenções grupais.

2.4. ESTRATÉGIA PARA ACESSO AOS ESTUDANTES E LOCAL DE DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Todos os estudantes do curso de Psicologia matriculados à época foram convidados para participar da intervenção grupal por meio de duas estratégias: pela página do curso no Facebook, restrita a estudantes da IES onde os trabalhos foram desenvolvidos, e presencialmente, em todas as salas de aula, com o apoio dos docentes que estavam ministrando disciplinas à época da coleta de dados.

Os contatos iniciais no momento da divulgação do projeto foram realizados para explicar os objetivos, o método adotado nos encontros e o contrato de trabalho que orientaria as intervenções. Esse recrutamento foi realizado pelos psicólogos que coordenaram as intervenções posteriormente. Esses mesmos aspectos de enquadre foram retomados quando do primeiro encontro, momento no qual notou-se a adesão exclusiva de estudantes mulheres. O contrato também previa sigilo em relação ao que fosse discutido no grupo e que possíveis faltas fossem justificadas. Foram realizados cinco encontros, sendo um por semana. O grupo desenvolveu-se em formato aberto até o segundo encontro. As atividades relatadas nessa intervenção ocorreram em uma sala de aula da Instituição, com capacidade para 30 pessoas e com todas as características para a preservação do conforto material e emocional das voluntárias.

2.5. PROCEDIMENTOS

A modalidade interventiva utilizada foi a do grupo operativo voltado ao ensino-aprendizagem. Essa modalidade é caracterizada pelo chamado “aprender a aprender”, transformando os integrantes do grupo em coautores dos resultados e possibilitando a atualização de suas potencialidades e o melhor manejo das relações interpessoais.



Para desenvolver esse trabalho o clima de liberdade é fundamental. O coordenador deve orientar que a participação seja livre e espontânea, facilitando o diálogo e a comunicação, construindo um espaço de reflexão em que possam investigar, problematizar e construir conhecimentos. (BLEGER, 1980/2007).

Nos grupos aqui apresentados foram utilizados recursos audiovisuais e literários como instrumentos disparadores para estimular os diálogos e os processos reflexivos, a saber: curta metragem, videoclipe musical, poemas e crônicas. Os recursos disparadores foram escolhidos de acordo com os objetivos gerais do grupo, tal como exposto aos estudantes desde o convite: pensar e dialogar sobre o ser universitário e o ser estudante de Psicologia (tarefa explícita).

A sala onde os encontros se realizaram era organizada de forma que as estudantes pudessem ter uma boa visualização do material a ser exposto, organizando as carteiras de modo semelhante ao que ocorre em uma sala de cinema. Posteriormente à exibição do conteúdo disparador havia um pequeno intervalo para reorganização das carteiras em formato circular, para que pudessem interagir face a face a partir dali. Feito isso, os diálogos eram iniciados, instigando-as a se manifestarem sobre as temáticas abordadas.

Cabia à equipe executora ponderar sobre os conteúdos emergentes e procurar manter o direcionamento quanto aos objetivos do grupo, em especial porque o período temporal oferecido às estudantes era predeterminado (cinco encontros). A equipe também fomentava a reflexão sobre os aprendizados em grupo e a resolução de conflitos, conforme o método dos grupos operativos desenvolvido por Pichon-Rivière. (PICHON-RIVIÈRE, 1983/2009).

Os diálogos foram registrados por meio de anotações (diário de campo). Em cada encontro um coordenador assumia o papel de relator do grupo. Esse material era compartilhado e revisado por todos os coordenadores e discutido semanalmente com o professor supervisor, que orientava interlocuções entre a prática e a literatura científica, além de indicar possíveis caminhos a serem percorridos na execução do próximo encontro.

A análise dos diários de campo produzidos ao longo da experiência foi empreendida tendo como norteador a método de análise de dinâmica grupo proposto por Pichon-Rivière (1983/2009). Essa análise ocorre por meio do levantamento dos principais emergentes grupais que estão ligados à tarefa explícita, a partir de verbalizações de porta-vozes. (ROSSATO; SANTEIRO; BARBIERI, 2020). A partir do conteúdo dos elementos emergentes nos encontros foi realizada a interpretação dos dados por meio da literatura da área de grupos e de saúde mental de universitários.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização dos encontros estabeleceu-se que as integrantes poderiam compartilhar e discutir experiências vividas, sentimentos durante o grupo, que seriam respeitadas e que não haveria julgamentos. No primeiro encontro realizado ocorreu a apresentação dos participantes, dos coordenadores do grupo e o contrato de trabalho foi estabelecido.



Tabela 1 - Número de encontros e de participantes, recurso utilizado e eixo temático dialogado.

Nº do encontro	Nº de participantes	Recurso utilizado	Eixo temático planejado*
1	6	Não se aplica	Apresentação da proposta de trabalho, dos coordenadores, dos participantes e estabelecimento do contrato.
2	6	Curta metragem: Pular (LUCKEY; GOULD, 2003).	Transição para o ensino superior.
3	6	Vídeo clipe: Til it happens to you (GAGA; WARREN, 2015).	Violência contra a mulher no contexto universitário.
4	5	Curta metragem: Quase Abduzido (RYDSTROM, 2006) Texto: Gaiolas e asas (ALVES, 2004).	Condições emocionais dos estudantes e qualidade de vida.
5	6	Curta metragem Presto (SWEETLAND, 2008).	Encerramento e avaliação dos encontros.

* Em trabalhos como os relatados o planejamento é feito a partir das experiências que vão acontecendo no transcurso de cada encontro. Isso inclui a escolha de recursos audiovisuais e literários.

Fonte: Autores.

Durante os encontros as seguintes temáticas emergiram dos processos grupais: (1) entrada na universidade e distanciamento de casa e da família; (2) família e escolha profissional; e (3) ser mulher na universidade. Esses temas emergentes estiveram atrelados aos objetivos dos encontros e aos recursos utilizados para reflexão nos mesmos. A seguir serão apresentadas cada uma das temáticas e isso será feito de modo independente da ordem de ocorrência dos encontros. Mais do que acompanhar “quando” certos movimentos do grupo ocorreram, fatores vivenciados serão priorizados para compreender “como” eles eram elaborados coletivamente, de modo que movimentos dialéticos que pudessem denotar aprendizagens grupais fossem ressaltados.

3.1. ENTRADA NA UNIVERSIDADE E DISTANCIAMENTO DE CASA E DA FAMÍLIA

O impacto que o ingresso na universidade produziu, associado à exigência de adaptação para lidar com esse novo contexto e também a mudança de cidade e distanciamento da rotina familiar, foram relatados por duas participantes. Apenas uma integrante do grupo relatou não ter tido dificuldades ao entrar na Universidade. Dentre os desafios presentes no início da vida acadêmica relatados, os que mais se destacaram foram: a saída de casa, morar longe dos pais em uma cidade desconhecida, a incerteza em relação à escolha profissional e medo de que o curso de Psicologia não seria a melhor escolha. Essas situações também foram mencionadas no estudo de Souza *et al.* (2020), ressaltando a necessidade de adaptação ao contexto universitário e manejo das repercussões dessa transição em diferentes âmbitos da vida.



Uma das participantes relatou que sua entrada na universidade foi péssima, sentiu-se mal, não conhecia ninguém, cogitou abandonar o curso na primeira semana e mencionou que até a data do encontro ainda não sabia e o que queria fazer profissionalmente (estava no terceiro período). Durante a fala dessa estudante, observou-se que a mesma apresentava ansiedade, angústia e agitação psicomotora. Se compreendermos esse estado afetivo-corporal dessa participante como tradutor de algo que o grupo precisava processar, esse depoimento parecia traduzir o quão visceral era para as convidadas estarem longe de casa e aceitarem a vivência de novos papéis. De acordo com Freitas *et al.* (2022), é fundamental oferecer cuidado aos graduandos de forma a evitar que a vulnerabilidade presente nesse período de adaptação possa se intensificar, propiciando o estabelecimento de sintomas emocionais significativos que gerem prejuízos ao percurso acadêmico dos estudantes.

A adaptação ao ensino superior pode se processar de diferentes maneiras a depender dos recursos internos trazidos por cada estudante, inclusive os recursos propiciados pela maior ou menor participação das famílias nesse percurso. (PORTO; SOARES, 2017). Nesse processo, também as interações com pessoas que extrapolam os núcleos familiares podem auxiliar no processo de adaptação dos universitários, abrandando os desconfortos gerados pelo ingresso dos estudantes. (SOARES *et al.*, 2017).

Nessa direção, fazendo contrapontos a possíveis fantasias de desamparo, as participantes também evidenciaram a importância de existir apoio em momentos de adaptação, seja da família ou de amigos, além da importância dos vínculos que criaram na cidade, permitindo lidar com o inicialmente hostil mundo acadêmico. Desse modo, percebia-se ser especialmente importante que as universitárias recebessem apoio de suas redes de suporte como familiar, social e institucional, de forma que pudessem expressar seus sentimentos e dificuldades experienciadas no curso, semelhante ao que é apresentado na literatura científica. (BAIK *et al.*, 2019; SCORSOLINI-COMIN; GABRIEL, 2019).

3.2. FAMÍLIA E ESCOLHA PROFISSIONAL

Embora o apoio dos pais seja reconhecido como importante, houve relatos de que eles não tiveram tanta influência na escolha profissional, mesmo surgindo falas que evidenciavam a tentativa de interferência nesse processo. Uma participante descreveu que tinha certeza em relação à sua escolha, mas seus familiares exerciam muita pressão, pois consideravam que a Psicologia não era uma profissão com boa remuneração e, assim, gostariam que tivesse escolhido outro curso. Outra participante manifestou sua preocupação em relação ao apoio dos pais sobre a escolha profissional e ao medo de decepcioná-los, posto que ela tinha o receio de estar desperdiçando o dinheiro da família, mesmo em se tratando de uma universidade pública. Esse receio vai ao encontro da necessidade de aprovação familiar apresentada por Baptista, Ferraz e Inácio (2020) ao pontuarem que expressões de afeto verbais e não verbais, acrescidas de respeito, acolhimento, presença de empatia, proximidade e comunicação entre os familiares podem transmitir a sensação de suporte social nesse momento, repercutindo também na autoeficácia e na saúde mental dos estudantes.



Esse tipo de diálogo grupal apresentava a família como um elemento significativo nos processos de transição e adaptação das universitárias, em especial para aquelas que estavam na transição para a vida adulta, como é o caso das estudantes que aceitaram o convite. É com a inserção na vida universitária, em muitas situações, que se inicia um momento de transformação e preparação para a independência em termos de desenvolvimento pessoal, que culminará na diferenciação dos mesmos em relação à família e aos aspectos econômicos. Desse modo, um contexto familiar apoiador e facilitador pode ser primordial para que os estudantes consigam se desenvolver pessoal e academicamente no âmbito universitário. (RATELLE; SIMARD; GUAY, 2013).

A escolha profissional é uma decisão que envolve e repercute em distintos aspectos da vida do indivíduo, impactando em fatores contextuais, interpessoais, situacionais e pessoais. (ALMEIDA, 2020). Igualmente, o momento em que se realizam as primeiras escolhas profissionais coincide com o período da adolescência, época de significativas transformações fisiológicas, psíquicas e na formação das representações e papéis sociais. (ALMEIDA; MELO-SILVA; SANTOS, 2017).

Desse modo, o momento da escolha profissional pode ser um período marcado por tensões e indecisões que podem se ampliar ainda mais quando não há uma concordância entre o que a pessoa deseja fazer e o que a família considera importante. Os embates descritos pelas participantes podem culminar em incremento de vivências universitárias marcadas por incertezas e angústias, devido ao medo de contradizer as expectativas dos familiares, ou de futuramente haver problemas em relação à escolha profissional realizada. De acordo com Almeida (2020), a família está posicionada entre um dos principais aspectos capazes de influenciar a decisão de carreira e seu desenvolvimento, seja de forma intencional ou não, de modo que os familiares podem gerar impactos positivos ou negativos na decisão profissional.

Tais aspectos precisam ser considerados, uma vez que o papel da família pode favorecer ou dificultar a construção de valores e crenças que o jovem possa ter sobre si e sobre o mundo, inclusive sobre os aspectos relacionados ao trabalho. (ROSSATO *et al.*, 2022). No caso das universitárias que integraram os grupos, em suas falas era possível verificar a importância dada ao que a família considerava relevante para suas formações.

As jovens constantemente se espelham nas opiniões e estilos de vida de suas famílias para organizarem suas próprias vivências, tecendo aproximações e distanciamentos em relação àquilo que experienciam em seus cotidianos. Além disso, deve-se considerar que nessa fase do desenvolvimento uma parcela significativa dos estudantes ainda depende financeiramente de seus pais para se manterem e a inserção no curso escolhido pode ser impactada por esse elemento.

As falas das estudantes também foram ao encontro do que Almeida, Melo-Silva e Santos (2017) relataram quando descrevem um grupo operativo realizado com pais de jovens em momento de escolha profissional. Esse estudo apresentou as expectativas dos pais em relação à futura profissão dos filhos, discutindo o processo de separação entre pais e filhos e como os pais se posicionavam quanto a esse processo de escolha, sendo que um dos resultados foi a constatação do nível de investimento dos pais para a formação educacional dos filhos, o que repercutia em expectativas elevadas quanto a escolha profissional e os ganhos financeiros que teriam futuramente.



De modo geral, houve essa movimentação dialética e que também era apresentada como envolta em sofrimentos durante as vivências grupais: pais que apoiavam-nas e eram compreensíveis; pais que cobravam-nas, às vezes com “certo exagero”; universitárias que se apoiavam; universitárias que se cobravam, às vezes “com exagero”; universitárias que precisavam lidar com a ideia de que “dali em diante” as escolhas profissionais também precisariam se “desprender” do que o outro teria como expectativa. Uma movimentação que parecia exigir um grupo “pronto”, quando, em verdade, o dinamismo promotor de saúde consistia exatamente no quanto elas conseguiriam perceber-se “em construção”, juntas.

Esse tipo de vivência parecia elucidar o quanto era difícil para as estudantes assumirem para si o que era uma decisão pessoal e singular, para além de haver, ou não, apoio familiar. E nesse trânsito a equipe executora se indagava se pressão semelhante à relatada pelas universitárias e atinente às questões familiares também não estaria sendo vivida e compartilhada no grupo, na medida em que ele era conduzido por três psicólogos (adultos). Algo parecia ser dito nesses momentos de “incerteza”, principalmente considerando que as universitárias se encontravam em períodos iniciais do curso. Esses fatores, conforme apresentado por Almeida (2020), salientam a importância de investimento em autoconhecimento como forma de auxiliar na escolha profissional mais consciente, por meio de espaços que propiciem reflexão, que considerem aspectos importantes para a identidade do indivíduo e o modo como esses valores podem trazer sentido à vida acadêmica e profissional.

3.3. SER MULHER NA UNIVERSIDADE

Outro emergente grupal foi o medo em relação aos veteranos e ao trote. Embora tenham percebido os veteranos da Psicologia como protetores, uma participante relatou problemas com esse tipo de evento. Esse tipo de assunto não parecia ser possível de ser conversado no âmbito extragrupal, haja vista o trote ser um fenômeno universitário permeado por “naturalização”, como um “rito de passagem”. Por medo de retaliações e por poderem ser identificadas como “diferentes” ou “chatas”, não participar deles era decisão que dificilmente poderia ser tomada com tranquilidade. Vivências de violência perpetrada a mulheres também se apresentavam no mundo universitário, mascaradas pelo trote, mesmo em curso superior majoritariamente feminino.

Não bastassem os sofrimentos inerentes à “perda” do ambiente doméstico e da proximidade das relações familiares, conversar sobre violência de gênero no cenário universitário também parecia algo importante àquelas mulheres. Fantasias sobre receio de os coordenadores do grupo serem “descuidados” pareciam requerer espaço, durante as vivências grupais. A “voz” dessa participante que trouxe o trote à baila parecia dizer: “cuidem do que aparecer aqui como se fossem nossos cuidadores e respeitem nossa condição de mulheres.”

Em outro momento três participantes apontaram que a temática violência contra a mulher foi a que vinha sendo vivida de modo mais marcante em seus percursos universitários. No terceiro encontro, quando o vídeo *Til it happens to you* (GAGA; WARREN, 2015) foi exibido, esses fenômenos parecem ter sido “autorizados” pelos coordenadores, de modo definitivo.



Após exposição desse vídeo, uma apresentação musical que integrava um documentário sobre assédio sexual feminino em universidades norte-americanas, houve silêncio prolongado por alguns minutos. Algumas estudantes mencionaram já terem assistido ao vídeo, mas que dessa vez havia sido mais marcante. As participantes trouxeram, ainda, a questão de que estupro e violência pareciam algo distante, mas verbalizaram que essas situações poderiam acontecer com elas.

O vídeo facilitou processos reflexivos sobre o quanto cada uma delas poderia estar vulnerável. Souza e Rocha (2020) investigaram sobre o assédio sexual em contexto do ensino superior, salientando a naturalização de violência deste teor contra o gênero feminino. Constataram que essa forma de violência é percebida como de ordem simbólica, levando à ausência de confiança das mulheres quanto a possibilidade de ações de enfrentamento no contexto acadêmico. Percepção esta que vai ao encontro do que é citado na música e por Meneghel (2019), referindo-se aos desafios enfrentados pelas mulheres e as discriminações sociais no ambiente universitário.

O curso de Psicologia é majoritariamente frequentado por mulheres. Conforme apontado por Souza, Oliveira e Gradwohl (2018), essa característica se dá devido à perspectiva de a Psicologia estar relacionada a uma função de cuidado que, comumente, é associada ao universo feminino em nossa sociedade.

Figuerêdo e Cruz (2017) relataram que as universitárias participantes de sua pesquisa também percebiam a Psicologia como um curso predominantemente feminino por sua associação com o cuidado. No entanto, essas estudantes salientaram a necessidade de rever esses estereótipos como influenciadores significativos na escolha do curso e a importância de mudança nesse caráter de formação, pontuando a importância dos estudantes e das novas gerações investirem nessa desconstrução. Perspectiva essa que vai ao encontro da fala das universitárias que participaram desta experiência, ao salientarem a relevância do papel da Psicologia e, conseqüentemente, dos psicólogos e estudantes da área na luta pelo fortalecimento dos direitos das mulheres, contra a violência que sofrem e a favor da desconstrução dos estereótipos que limitam os contextos de alcance e sucesso do trabalho das mulheres.

As conversas das universitárias que integravam o grupo tangenciavam, assim, a violência contra a mulher. Esse movimento se tornava mais intenso em alguns momentos. O trânsito por entre constatações que iam do extremo de considerar que “a violência estava fora da universidade e incide sobre as outras” até o de que “ela estava incluída no ambiente universitário das pessoas que integravam o curso de psicologia” parecia algo complexo de ser ponderado. Para aprofundamento nessa questão outros encontros seriam necessários. Essa pontuação vai ao encontro ao apresentado por Ferreira e Genovese (2022) ao salientarem a importância da valorização da mulher no contexto acadêmico e no mundo da ciência. Essa discussão tem sido cada vez mais recuperada na contemporaneidade, o que deve ser acompanhado de políticas educacionais capazes de tensionar a questão do gênero no espaço universitário, bem como de um processo perene de luta pela desconstrução em nossa sociedade fortemente machista e patriarcal, o que deve produzir ressonâncias nas mais diferentes esferas, como na universidade.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada destacou a importância dos diferentes marcadores que emergem na experiência universitária, sobretudo quando se busca um olhar compreensivo para a adaptação a esse contexto, com destaque para os elementos relacionados ao papel da família nessa fase do desenvolvimento e às questões de gênero que costuram as experiências dessas estudantes. Esses marcadores permitem o acesso a elementos que devem ser melhor conhecidos pelos gestores educacionais e também pelos professores/formadores.

No que tange especificamente à formação de profissionais de Psicologia, as reflexões apresentadas denotam a urgência de que alguns debates possam ser melhor acolhidos, com a questão da violência de gênero e a construção de estratégias de resposta a esses eventos. O engajamento social nesse debate deve ser trazido à luz, em uma perspectiva de gênero mais crítica, posicionada e que incorpore os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais que costuram esse campo. Assim, emerge a necessidade de um posicionamento mais coletivo e não meramente que parta dos recursos pessoais e individuais de cada mulher. Nesse sentido, o grupo potencializou condições para que esse tipo de olhar pudesse ser compartilhado e refletido coletivamente.

As estudantes destacaram a importância de espaços como o proporcionado nas atividades, a escassez ou a inexistência deles, na universidade, – mesmo no curso de Psicologia, no qual, para elas, deveria haver maior preocupação com a saúde dos acadêmicos. Ainda que na IES já houvesse um setor responsável pela atenção à saúde do estudante, algo difundido na sua estrutura organizacional, nesse espaço grupal essa informação não foi recuperada por elas, o que pode ter se dado pelo fato de que ações dessa monta ainda não terem serem implementadas pelo setor, à época. Outra via interpretativa é que essa espécie de lamento das participantes estava atrelado ao fato estarem se despedindo de um espaço de acolhimento, possivelmente em uma reação ao desamparo ligado à perda “do grupo” construído, e não necessariamente ao fato de que na IES, ou mesmo em cada uma delas, não havia recursos disponíveis.

As limitações do presente estudo estão relacionadas à necessidade de ampliar o número de encontros. Isso poderia potencializar, por exemplo, um espaço mais adequado e aprofundado para a discussão sobre as questões da violência de gênero. Além disso, a extensão dos encontros possibilitaria a construção de um cuidado e de um acolhimento mais longitudinal, podendo acompanhar essas estudantes durante mais tempo. De toda forma, sugere-se a importância de investigar se grupos compostos por graduandos de outros cursos reproduziriam questões semelhantes às apresentadas ao longo do presente relato. Acredita-se que a realização de grupos operativos junto ao público universitário pode ser uma proposta que aponte para as demandas desse público, compondo uma estratégia de acolhimento e de promoção de saúde mental, sobretudo considerando os desafios impostos a partir do trânsito pandêmico.

Espera-se que os elementos aqui apresentados e problematizados possam ser considerados pelos gestores do ensino superior. Relatos como esses podem auxiliar processos de reflexão e de planejamento de intervenções promotoras de saúde



mental, uma vez que contribuem para a construção de uma cultura de cuidado que toma por base as experiências e os recursos desses estudantes, encontrando no espaço grupal tanto uma forma de compartilhamento de momentos de maior dificuldade como de desenvolvimento e potencialização de estratégias coletivas de enfrentamento, em uma busca constante pela saúde e pelo bem-estar na universidade e para além desta.

5. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. G. Orientação profissional e fatores relacionados à escolha da profissão em um mundo de transformação. In: SOARES, A. B.; MOURÃO, L.; MONTEIRO, M. C. (Orgs.). **O estudante universitário brasileiro: saúde mental, escolha profissional, adaptação à universidade e desenvolvimento de carreira**. Curitiba: Appris, 2020. p.221-238.
- ALMEIDA, F. H.; MELO-SILVA, L. L.; SANTOS, M. A. Grupo operativo com pais de jovens em processo de escolha da carreira. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v.18, n.1, p.80-100, 2017.
- ALVES, R. **Gaiolas ou asas: a arte do voo ou a busca da alegria de aprender**. Porto: Edições Asa, 2004.
- AUERBACH, R. P. *et al.* WHO World Mental Health Surveys International College Student Project: prevalence and distribution of mental disorders. **Journal of Abnormal Psychology**, v.127, n.7, p.623, 2018.
- BAIK, C. *et al.* Examining the experiences of first-year students with low tertiary admission scores in Australian universities. **Studies in Higher Education**, v.44, n.3, p.526-538, 2019.
- BAPTISTA, M. N.; FERRAZ, A. S.; INÁCIO, A. L. M. Adaptação acadêmica e saúde mental no ensino superior. In: SOARES, A. B.; MOURÃO, L.; MONTEIRO, M. C. (Orgs.). **O estudante universitário brasileiro: saúde mental, escolha profissional, adaptação à universidade e desenvolvimento de carreira**. Curitiba: Appris, 2020. p.21-36.
- Bleger, J. **Temas de psicologia: entrevista e grupos**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1980/2007.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. The role of social skills in social anxiety of university students. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.24, p.223-232, 2014.
- FERNÁNDEZ, M. F. P. *et al.* Predictors of students' adjustment during the transition to university in Spain. **Psicothema**, v.29, n.1, p.67-72, 2017.
- FERREIRA, K. P.; GENOVESE, C. L. C. R. Os desafios das mulheres na Ciência: Marie Curie como figura feminina no campo científico. **Educação, Ciência e Cultura**, v.27, n.2, 2022.
- FIGUERÊDO, R. B.; CRUZ, F. M. L. Psicologia: profissão feminina? A visão dos estudantes de Psicologia. **Revista de Estudos Feministas**, Campinas, v.25, n.2, p.803-828, 2017.



FREITAS, R. F. *et al.* Sintomas de depressão e fatores associados em universitários da área da saúde. **Research, Society and Development**, v.11, n.6, e34211629231-e34211629231, 2022.

GAIA, R. S. P.; VITORIA, A. S.; PEREIRA, J. A. G.; SCORSOLINI-COMIN, F. Ações afirmativas como garantia e direito à educação da população negra no Brasil. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v.31, n.64, e17, 2021.

GAGA, L.; WARREN, D. **Til It Happens to You**. (Música/Clipe). Estados Unidos: The Hunting Ground/Interscope. Cor. 4,18 min, 2015.

HARRER, M. *et al.* Internet interventions for mental health in university students: A systematic review and meta-analysis. **International Journal of Methods in Psychiatric Research**, v.28, n.2, e1759, 2019.

HUANG, J. *et al.* Interventions for common mental health problems among university and college students: A systematic review and meta-analysis of randomized controlled trials. **Journal of Psychiatric Research**, v.107, p.1-10, 2018.

HUR, D. U.; COUTO, M. L. B. S.; NASCIMENTO, J. S. Estudantes indígenas na Universidade: uma sessão de grupo operativo. **Vínculo**, São Paulo, v.15, n.2, 2018.

KLAIBER, P.; WHILLANS, A. V.; CHEN, F. S. Long-term health implications of students' friendship formation during the transition to university. **Applied Psychology: Health and Well-Being**, v.10, n.2, p.290-308, 2018.

LANTYER, A. S. *et al.* Ansiedade e qualidade de vida entre estudantes universitários ingressantes: avaliação e intervenção. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v.18, n.2, p.4-19, 2016.

LUCKEY, B.; GOULD, R. (Diretores). **Pular (curta metragem)**. Estados Unidos: Disney/Pixar. Cor. 4,40min. Dublado, 2003. (Título original: Boudin').

MENEGHEL, S. N. Será a universidade imune às discriminações sociais? **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v.23, e190577, 2019.

OLIVEIRA, K. L.; SANTOS, A. A. A.; INÁCIO, A. L. M. Adaptação acadêmica e estilos intelectuais no ensino superior. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v.9, n.3, p.73-89, 2018.

PADOVANI, R. C. *et al.* Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v.10, n.1, p.2-10, 2014.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1983/2009.

PORTO, A. M. S.; SOARES, A. B. Expectativas e adaptação acadêmica em estudantes universitários. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.19, n.1, p.208-219, 2017.

RATELLE, C. F., SIMARD, K.; GUAY, F. University students' subjective well-being: the role of autonomy support from parents, friends, and the romantic partner. **Journal of Happiness Studies**, v.14, n.3, p.893-910, 2013.

ROSSATO, L.; MOROTTI, A. C. V.; SCORSOLINI-COMIN, F. Transition and adaptation to higher education in Brazilian first-year nursing students. **Journal of Latinos and Education**, 2022.



ROSSATO, L.; PANOBIANCO, M. S.; SCORSOLINI-COMIN, F. Grupo operativo com estudantes de enfermagem: vivência em uma liga acadêmica de oncologia. **Revista Baiana de Enfermagem**, v.34, 2020.

ROSSATO, L.; SANTEIRO, T. V.; BARBIERI, V. Pensando famílias na formação em psicologia: experiência grupo-operativa com calouros. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v.40, 2020.

ROSSATO, L.; SANTEIRO, T. V.; BARBIERI, V.; SCORSOLINI-COMIN, F. Representações de família em calouros de Psicologia: estudo longitudinal. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, v.40, n.2, p.1-14, 2022.

ROSSATO, L.; SCORSOLINI-COMIN, F. Chega mais: o grupo reflexivo como espaço de acolhimento para ingressantes no ensino superior. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v.20, n.1, p.1-8, 2019.

RYDSTROM, G. (Diretor). **Quase abduzido (Curta Metragem)**. Estados Unidos: Disney/Pixar. Cor. 2,00 min. Dublado, 2006. (Título Original: Lifted).

SANTEIRO, T. V. *et al.* Processo grupal mediado por filmes: espaço e tempo para pensar a Psicologia. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v.15, n.1, p.95-111, 2014.

SCORSOLINI-COMIN, F; GABRIEL, C. S. O que pode ser considerado inovador no ensino superior contemporâneo?: considerações sobre o acolhimento estudantil. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v.20, n.2, p.1-5, 2019.

SHELDON, E. *et al.* Prevalence and risk factors for mental health problems in university undergraduate students: a systematic review with meta-analysis. **Journal of Affective Disorders**, v.287, p.282-292, 2021.

SILVA, C. P. *et al.* Psicología y Salud Mental: un estudio de representaciones entre estudiantes de **Psicología, Salud & Sociedad**, v.9, n.3, p.210-220, 2019.

SILVA, G. C. L.; ROSSATO, L.; CORREIA-ZANINI, M. R. G.; SCORSOLINI-COMIN, F. Online group interventions for mental health promotion of college students: integrative review. **Counselling and Psychotherapy Research**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/capr.12561>. Acesso em: 21 mar. 2021.

SOARES, A. B. *et al.* Expectativas acadêmicas e habilidades sociais na adaptação à universidade. **Ciências Psicológicas**, v.11, n.1, p.77-88, 2017.

SOARES, A. B. *et al.* Adaptação acadêmica de estudantes de primeiro ano de psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.21, n.2, p.513-532, 2021.

SOUZA, D. C. *et al.* Saúde mental na universidade: relato de um serviço de psicoterapia para estudantes de enfermagem. **REFACS - Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, Uberaba, v.8, p.648-657, 2020.

SOUZA, D. C.; FAVARIN, D. B.; SCORSOLINI-COMIN, F. Estratégias grupais para promoção de saúde em universitários. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, v.46, n.1, p.72-1-24, 2021.



SOUZA, G. O.; OLIVEIRA, G. L.; GRADVOHL, S. M. O. Um ensaio sobre a profissão de psicólogo no Brasil sob o viés do gênero. **Saúde & Transformação Social**, v.9, n.1/2/3, p.7-14, 2018.

SOUZA, T. M. C.; ROCHA, I. A. Investigando o assédio sexual em universitárias: a violência de gênero na Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v.17, n.47, p.165-184, 2019.

SWEETLAND, D. (Diretor). **Presto (Curta Metragem)**. Estados Unidos: Disney/Pixar. Cor. 5,20.

Submetido em: **21/03/2021**

Aceito em: **07/11/2022**